

## Da má-língua ao debate de ideias Uma provocação e um desafio

**D**ois anos passados sobre o aparecimento da revista "Medicina Interna", é altura de perguntar: terá valido a pena?

Convém, antes de mais nada, recordar que, no texto de abertura do primeiro número, ficaram claramente definidos e explicados os objectivos que inspiraram esta iniciativa e que podem resumir-se em três palavras:

**comunicar:** "*criar um espaço (...) onde (os internistas) pudessem publicar a sua produção científica*"

**educar:** "*uma revista médica deve ter também (...) um importante papel pedagógico*"

**reflectir:** "*o espaço (...) adequado para todos aqueles que queiram reflectir sobre problemas ligados à Medicina*".

É sabido que sem comunicação não existe progresso. A linguagem falada primeiro, a escrita e a imprensa depois, as novas tecnologias agora, são, todas elas, instrumentos de avanço cultural, na medida em que permitem armazenar e transmitir conhecimentos e experiências. Sem elas, o Homem não teria saído da pré-história, nem se assistiria hoje ao milagre de ver uma criança adquirir, em pouco tempo, conhecimentos penosamente acumulados ao longo de muitos milhares de anos. A comunicação em Medicina é, portanto, condição essencial de progresso e, quanto mais ampla for, melhor.

Mas dir-se-á que aquilo que se publica nem sempre é bom e que, na maioria dos casos, nem sequer ultrapassa o sofrível. Dir-se-á que alguns artigos estão destinados a ser lidos apenas pelo próprio, pelos amigos e, obviamente, por alguns inimigos. Dir-se-á, ainda, que as publicações médicas têm necessariamente uma vida efémera.

Tudo bem! Mas não comunicar é estagnar. É abdicar da participação no avanço científico que não se faz apenas de grandes descobertas, mas, também, de insignificantes contribuições que se vão acumulando ao longo da História. Não comunicar é, para além de tudo, desvalorizar o efeito catalizador que ideias e experiências pessoais aparentemente sem futuro podem exercer sobre os outros.



O problema é que a comunicação em Medicina exige obediência a certos cânones. Não por razões puramente académicas, mas porque só assim é possível garantir a disciplina mental que tem de estar subjacente a toda a actividade científica. Investigar é detectar o anómalo e procurar explicá-lo. Mas este processo, aparentemente simples, exige uma iniciação que tem rareado no nosso meio e, talvez por isso, muitos médicos revelam alguma ignorância acerca das regras elementares a que deve obedecer uma publicação científica.

Ao longo destes dois anos, tentámos, por isso, e tal como ficara prometido, exercer uma persistente acção

pedagógica que não se limitasse à atitude simplista de chumbar trabalhos enviados para publicação. Em vez disso, contactámos autores, com eles refizemos textos, acrescentámos, melhorámos e, finalmente, conseguimos recuperar para a Revista artigos que, na versão original, eram impublicáveis. Não tem sido um trabalho fácil, mas é nossa convicção que, com esta experiência, todos acabámos por lucrar.

O exercício da Medicina Clínica é uma arte. Mas é também um complicado ofício que exige uma longa aprendizagem. Tudo começa no curso universitário com a penosa memorização da morfologia e fisiologia ( normal e anormal ) do corpo humano; com a iniciação nos segredos da exploração semiológica e do diagnóstico diferencial; com o desvendar dos misteriosos poderes das drogas e da cirurgia. A este período segue-se a formação pós-graduada, em que se alargam conhecimentos e se adquirem capacidades clínicas e técnicas, num processo de amadurecimento que exige tempo e experiência. Tudo isto consome energias, ocupa o espírito e não deixa muito tempo para fantasias.

Só à medida que os anos passam se vai ganhando a distância necessária para ver floresta aonde anteriormente só se distinguiam árvores. A partir daí, começa a adquirir-se uma perspectiva histórica do progresso médico; passa a compreender-se que algumas panaceias da Medicina são apenas fugazes ilusões que não sobrevivem mais do que uma geração; torna-se claro que o indispensável pragmatismo da Medicina Clínica está condicionado pelos princípios éticos, pelos custos financeiros e pelo bom senso.

Reflectir sobre tudo isto é uma prática que deve estar presente em qualquer comunidade médica responsável. Não para tolher a acção dos profissionais que, em cada momento, têm de proceder de acordo com o “estado da arte”, mas para modelar e adaptar comportamentos, fornecendo o substracto cultural que permita associar, em doses sabiamente calculadas, a eficácia à capacidade crítica.

São estes os objectivos que, bem ou mal, temos procurado atingir.

Contudo, salvo algumas excepções, tem faltado nesta Revista uma outra vertente importante: a intervenção dos leitores-médicos através da clássica “Carta ao Director”. Porquê ?

Mais dados à má-língua do que ao debate de ideias, todos nós, portugueses, sempre nos temos revelado pouco inclinados para a intervenção cívica, em especial através da polémica e da chamada “crítica construtiva”. A maior parte das vezes, preferimos dizer mal pela calada a publicar com frontalidade as nossas discordâncias. É assim em todas as áreas, e as revistas médicas, inevitavelmente, também se ressentem disso.

Ora, muito daquilo que publicámos nestes dois anos será provavelmente controverso e, em muitos casos, criticável. Teria sido, por isso, extremamente proveitoso, do ponto de vista científico e cultural, que os leitores tivessem emitido as suas opiniões, quer elas fossem concordantes ou discordantes, de maneira a permitir que se estabelecesse um diálogo mais alargado.

Aqui fica, pois, esta provocação que é também um desafio para o futuro. Esperamos, a partir de agora, poder contar com críticas, sugestões, comentários e pequenas contribuições que valorizem a revista “Medicina Interna”. Só assim ela poderá transformar-se naquilo que desde o início desejámos que fosse: um espaço vivo de participação, aberto não só aos internistas, como também aos médicos de todas as outras especialidades.



**Barros Veloso**